



e-I@tina. Revista electrónica de estudios  
latinoamericanos  
ISSN: 1666-9606  
revista.elatina@gmail.com  
Universidad de Buenos Aires  
Argentina

## Andrés Donoso Romo (2020). A Educação Emancipatória: Iván Illich, Paulo Freire, Ernesto Guevara e o pensamento latino-americano. 152 págs. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

**De Vuono, Gabriel Dib Daud; Diaz Rocha, Verônica**

Andrés Donoso Romo (2020). A Educação Emancipatória: Iván Illich, Paulo Freire, Ernesto Guevara e o pensamento latino-americano. 152 págs. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

e-I@tina. Revista electrónica de estudios latinoamericanos, vol. 21, núm. 82, 2023

Universidad de Buenos Aires, Argentina

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=496473258003>



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial 4.0 Internacional.

Reseña

Andrés Donoso Romo (2020). *A Educação Emancipatória: Iván Illich, Paulo Freire, Ernesto Guevara e o pensamento latino-americano*. 152 págs. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Gabriel Dib Daud De Vuono gabriel.devuono@usp.br  
Universidade de São Paulo, Brasil  
Verônica Diaz Rocha veronicadia@gmail.com  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

e-l@tina. Revista electrónica de estudios latinoamericanos, vol. 21, núm. 82, 2023

Universidad de Buenos Aires, Argentina

Recepción: 13/03/22  
Aprobación: 03 Julio 2022

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=496473258003>

O livro *A Educação Emancipatória: Iván Illich, Paulo Freire, Ernesto Guevara e o pensamento latino-americano* escrito por Andrés Donoso Romo, publicado pela Editora da Universidade de São Paulo em 2020, é uma oportunidade para um mergulho, para uma reconexão coletiva com a história recente da nossa América Latina, nossas lutas, desafios políticos, econômicos e sociais, nossas conquistas e dificuldades. O autor escolheu abordar as contribuições do pensamento latino-americano contemporâneo para a compreensão do papel da educação na transformação social apoiando-se em três destacados atores, intelectuais e militantes comprometidos com a perspectiva crítica e as práticas revolucionárias, que são o austríaco-mexicano Iván Illich, o brasileiro Paulo Freire e o argentino-cubano Ernesto Guevara.

A primeira parte da obra identifica o contexto cultural, econômico e político da América Latina no período entre 1950 e 1980, nomeados como os anos revolucionários. A segunda parte expõe as concepções de cada um dos pensadores, enquanto a terceira e última busca estabelecer os pontos de contato e divergências entre os autores no tocante à relação entre educação e transformação social. A discussão proposta por Andrés Donoso Romo apresenta elementos necessários ao entendimento das distintas compreensões elaboradas por Illich, Freire e Guevara sobre educação e lutas sociais na América Latina. Todavia, parece necessário apresentar uma crítica à obra quanto à equiparação proposta entre Ernesto Guevara e os outros dois autores abordados no livro.

Donoso Romo justifica a escolha desses três intelectuais latino-americanos afirmando que eles se destacaram entre aqueles movidos pelo interesse de contribuir para mudanças na realidade, enfatizando que “além de compartilharem a mesma preocupação de compreender tudo

aquilo que estivesse relacionado à educação e à transformação social, também se tornaram referências das correntes de pensamento de que fizeram parte” (Donoso Romo, 2020: 16). Apesar das preocupações de Guevara acerca da cultura e da educação no contexto da revolução cubana, a relação proposta entre os três autores apresenta uma certa disparidade considerando, por um lado, a importância de Ivan Illich e Paulo Freire para os estudos do campo educacional, e por outro, ao fato de Guevara não ter refletido sobre educação a ponto de ser considerado uma referência na área. Muito embora se faça necessário expor esta discordância inicial, vale reforçar que a obra apresenta uma investigação necessária e inovadora, em uma abordagem interdisciplinar, aos estudos da educação e das ciências sociais na América Latina.

O caráter holístico identificado pelo autor na obra dos pensadores selecionados, que os aproxima da noção de intelectuais orgânicos formulada por Antonio Gramsci, se relaciona com o enraizamento de suas ideias em seus respectivos contextos políticos e econômicos, e, ao mesmo tempo, por todos considerarem a necessidade de desdobramentos ou aplicações práticas daquilo que concebiam teoricamente. Suas ideias foram acessíveis, diz o autor, porque eles utilizaram uma linguagem que era compartilhada entre os que queriam a transformação social. Isso permitia a entrada de leitores, que se sentiam incluídos e envolvidos nas argumentações expostas, revelando a sensibilidade que se desenvolve quando uma pessoa participa ativamente de processos de luta coletiva.

O estudo de Andrés Donoso Romo pôde constatar que tanto Illich, como Freire e Guevara possuíam o propósito de buscar um outro futuro possível, assentados na convicção de que a revolução era impostergável para a construção de sociedades mais justas. No entanto, o autor também percebeu as diferenças entre os pensamentos dos três intelectuais relativas ao modo de alcançar esses objetivos e, certamente, ao papel da educação nessas estratégias.

O livro então nos apresenta Iván Illich a partir de sua obra *Sociedade sem escolas* de 1970, entendendo que a escola, do modo como estava construída, dificultava qualquer processo de transformação da sociedade. Para Iván Illich, as concepções de educação e escola não se confundiam. Longe de querer destruir a educação, como se poderia pensar numa leitura superficial, ele entendia que, com professores agindo como operários ao ministrar conteúdos padronizados voltados para a inserção dos alunos no mercado de consumo, dificilmente aquela escola poderia contribuir de forma efetiva para mudanças mais profundas da sociedade. Isto porque, para Illich, a escolarização era vantajosa ao modo de produção industrial e possuía o condão de garantir a manutenção da ordem social, promovendo uma atitude conformista das massas frente às opressões estabelecidas pela forma de organização societal (Donoso Romo, 2020). Illich criticava a pretensão escolar de se colocar como única instituição legítima a produzir e difundir conhecimento, considerando essencial “desnaturalizar a falsa identidade entre escola e educação”, contrapondo-se ao movimento que estabelece a educação em favor da escolarização (Donoso Romo, 2020: 75).

Por outro lado, Paulo Freire considerava que a educação poderia, sim, contribuir para uma transformação profunda da sociedade, porquanto não existe só uma forma de educação, e a educação libertadora poderia contribuir para gerar as condições subjetivas que estimulassem as pessoas a participar das lutas de libertação. Através da mobilização social, os setores populares poderiam abandonar a condição de objeto da história para se converterem em sujeitos transformadores da realidade política e social (Freire, 2001). O projeto educacional de Freire consistia na crítica da educação bancária e alienante, e na proposta da educação como elemento significativo aos processos de transformação social e de libertação (Freire, 1967). Para Paulo Freire, a educação libertadora deveria se contrapor às opressões estabelecidas pelo modelo educacional bancário, enquanto projeto educacional voltado à domesticação dos oprimidos, propondo-se uma educação “desvestida de roupagem alienante” capaz de se converter em instrumento em favor das transformações sociais (Freire, 1967: 36). Para Freire, uma vez superada a dominação, a educação popular deveria ser fundida com o sistema formal de educação para defender e aprofundar as conquistas no campo social e educacional.

Ernesto Guevara considerava igualmente importante a dimensão cultural e educacional nos processos de transformação, com o objetivo de fortalecer o espírito coletivo frente às demandas individuais e gerar mudanças na seara da cultura e das normas norteadores da sociedade. Com o aprofundamento do processo revolucionário em Cuba e de seus inerentes desafios, a educação passou a ser concebida por Guevara como “peça basilar na engrenagem da elaboração do tão esperado ‘homem novo’” (Donoso Romo, 2020: 114). A revolução cubana promoveu uma profunda transformação cultural na ilha caribenha, revisitando a história do país e estabelecendo novos valores para a sociedade cubana em construção (Ianni, 1983). Em vários de seus textos, como em *O socialismo e o homem em Cuba* de 1965, menciona-se o papel da educação no processo de conscientização popular das massas e da transformação dos sujeitos individualistas e egoístas em atores coletivos e comprometidos com a construção do socialismo em Cuba (Guevara, 2004).

Os três intelectuais abordados no livro convergem na preocupação sobre o papel da educação nos processos de transformação social e apresentam uma visão ponderada quanto à relevância da educação na conformação de uma nova sociedade: não sendo a chave que tudo resolve, também não é irrelevante a ponto de ser ignorada. Por outro lado, divergiam em relação à importância dada à conscientização: para Illich era ponto de partida, para Paulo Freire tinha que estar associada à prática, e para Guevara estava condicionada ao resultado da luta por libertação. Ou seja, para Illich a conscientização era um fim em si mesma, para Paulo Freire era relevante como parte do motor revolucionário da práxis, e para Guevara, independente do grau de conscientização, o importante era a vitória e depois, sim, reforçar a consciência da população sobre o que se tinha alcançado.

Quando, em seu livro, Donoso Romo se volta para três pensadores, fica claro, por toda a construção da obra, que não se trata de um

olhar extemporâneo nem idealizado, mas do reconhecimento das efetivas contribuições que, cada um a seu modo, deixa como legado. Quando nas páginas de *A Educação Emancipatória* (2020) encontramos o austríaco-mexicano Iván Illich, o brasileiro Paulo Freire e o argentino-cubano Ernesto Guevara, é como se em nossas memórias se acendessem faróis que iluminam nossas vidas, nossas escolhas, nos ajudando a refletir. Afinal, quem somos nós? O que é que realmente interessa? Qual é o mundo que queremos? Como queremos nos relacionar? E então, pensando na tarefa educativa, como traduzir para a vida e para a prática educacional, o que identificamos como vital no pensamento de cada um desses intelectuais?

De fato, se, como diz o autor, apesar das divergências, podemos ver os três pensadores em sintonia intelectual, é porque eles estavam insatisfeitos com o mundo da forma como estava posto. Sabiam Illich, Freire e Guevara que não é possível aceitar as desigualdades com naturalidade. Sabiam também que as desigualdades extrapolam o campo da educação e que, embora esta seja imprescindível, mudanças apenas neste setor não são capazes de produzir as transformações necessárias, pois é preciso que estejam conjugadas com profundas alterações nas esferas política e econômica. Sabiam, pois, os três pensadores citados, e sabemos nós, que a participação política dos cidadãos é fator decisivo para a concretização das mudanças, para a realização de sonhos por um mundo mais justo, uma sociedade mais igualitária.

Nessa lida, no entanto, Donoso Romo alerta para o cuidado com o que chamamos de conscientização. É preciso atenção, sim, porque se desejamos que se realize uma tomada de consciência por parte dos setores populares, é indispensável evitar um conjunto de vícios, entre os quais o equívoco de acreditar que o outro nada sabe, aquela velha visão de superioridade que nos leva por vezes a reproduzir, no campo político dos movimentos sociais e partidários, a mesma visão bancária da relação pedagógica que Paulo Freire criticou, o mesmo arcaico lugar do professor como dono único da verdade que Illich também questionou.

A possibilidade que temos de repensar o mundo e de lutar por sua transformação perpassa, necessariamente, pela questão da alteridade, pelo respeito a todos os seres que compartilham este mundo conosco. Paulo Freire (2006) dizia que queria ser lembrado como alguém que amou muito. As pessoas, os bichos, as árvores, o conhecimento... Aqui lembramos de Guevara e a necessária utopia, o “homem novo” para um mundo novo. Relação de horizontalidade com os alunos. Afeto. Vivência. Memória. Riso. Arte. A boniteza, como diria Paulo Freire. É nosso o desafio de construir relações verdadeiramente dialógicas de troca de conhecimento, entendendo que o outro também é fonte de conhecimentos, diversos dos nossos e, por isso, o processo é desafiador, mas, sem dúvida, muito mais interessante.

## Referências:

- Donoso Romo, A. (2020) *A Educação Emancipatória: Iván Illich, Paulo Freire, Ernesto Guevara e o pensamento latino-americano*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Guevara, E. (2004). O socialismo e o homem em Cuba. En SADER, E. (Org.), *Che Guevara – Política* (pp. 247-268) Expressão Popular.
- Ianni, O. (1983). *Revolução e Cultura*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.
- Freire, P. (1967). *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Freire, P. (2001). *Política e Educação: ensaios*. 5ª ed. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (2006). *Pedagogía de la tolerancia*. 1ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, CREFAL.